



O DESCOBRIMENTO DA AMERICA.

ESTE grupo de marmore augmentou em 1844 o numero de ricas esculpturas que exteriormente decoram o capitolio da cidade federal da união americana, Washington: corôa o portico da banda do nascente. O thema é o descobrimento do Novo-Mundo. Christovam Colombo emfim pisa aquelle continente adivinhado pelo seu engenho; volta-se para a Europa e mostra-lhe um globo, emblema da figura da terra, que a ignorancia e a inveja se obstinaram a considerar como uma chimerica hypothese. Em quanto se entrega inteiramente aos pensamentos que lhe infundam a alma de grave enthusiasmo, uma indiana o contempla

com admiração e ao mesmo tempo com temor; aos olhos d'esta mulher, Colombo é uma visão sobrenatural, um semideus; vê-se que ella hesita se deverá fugir, se prostrar-se respeitosa. A differença da civilisação entre as duas raças, está expressa nos contornos macios e até em a nudez da selvagem, contrastando com o ar varonil e nobre attitudo do heroe europeu. Os jornaes dos Estados-Unidos fizeram subido elogio d'esta composição, que seria difficil avaliar por um simples esboço. Louva-se unanimemente na phisionomia de Colombo a expressão da superioridade intellectual e da dignidade moral; observam-se na

Vol. I. — OCTUBRO 9. 1847.

moça india todos os caracteres distinctivos da raça que representa. Em Napoles é que o Sr. Persico esculpiu este grupo, ao qual consagrou cinco annos de trabalho. O traço de Colombo é de uma rigorosa fidelidade, segundo affirmam: o artista copiou uma armadura pertencente áquelle homem insigne, a qual os seus descendentes conservam em Genova. O marmore foi extrahido das pedreiras de la Palla em Sira-Verra entre Pisa e Carrara. O Sr. Persico tinha sido encarregado, precedentemente, de duas figuras para a decoração do capitolio de Washington: a Paz e a Guerra. É citada tambem como obra magistral uma estatua colossal, que foi inaugurada no mesmo edificio ha dois annos: — o Jorge Washington pelo esculptor Greenough.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico)

(Continuação do Cap. II.)

A BULHA crescia entretanto; os apupos e as palmas retumbavam. Era uma assuada verdadeira. De quando em quando iam ao ar toucas, gorros e sombreiros; choravam creanças; as velhas altercavam; e choviam bofetadas. Gargalhadas grosseiras misturavam-se com improperios; murros e pontapés retiniam em cheio, e o resultado da horrivel matizada era redobrar as pragas e ameaças contra o padecente.

N'um abrir e fechar d'olhos o judeu, despido, rasgado e arrastado, com o rosto negro de punhadas, a bocca cheia de sangue, e os cabellos arrancados sem dó, revolvia-se com gemidos pungentes entre dois membrudos cyclopes da forja de Pero Britador.

Dos degraus da picota, no meio das matronas senhoras visinhas, a tia Dordia agulava as iras populares com exclamações furibundas.

— «Fel e vinagre a esse cão tismado!»

— «Lopo Secco, ladrou o armeiro, agouta o judeu, mas não lhe deixes tocar. Isso é matar!...» exclamou, vendo sobre a cabeça do pobre D. Zuleima alçado o remo d'um galeote.

— «Assem-n'ó n'uma grelha!» guinchou a tia Ruiva.

— «Olha a vassoura de monturo!» disse o armeiro para o diabo-coxo. — «Oh tia Ruiva, muito toucinho ha lá por casa» gritou elle.

A setta bateu no coração. A matrona era suspeita de parentesco com a raça pharisaica.

— «Não te calará, excommungado? Sete brazas te sequem as guelras, chamiço do inferno!» retorquiu a furia investindo para o ferreiro.

— «Simão Ferro, trazes a tua cutella? Corta-me uma vara de lingua áquelle serpente de clérigo!» acudiu Pero Britador, virando-lhe as costas.

A segunda injuria foi peor que a primeira. A honesta Ruiva tinha fama d'alegrar a vida penitente d'um servo de Deus. Accessa em raiva ia replicar dignamente, quando Simão Ferro com os dedos callosos lhe apertou os gorgomilos como em uma tenaz, obrigando-a a ficar sem resposta, o que nunca até áquelle dia lh'acontecera.

O motim augmentava. Os improvisados algozes iam principiar a execução. O judeu, supplicante, com os olhos torvos de lagrimas estendeu os braços para o povo.

— «Cruzes, demonio!» regongaram as velhas.

— «Leva, cão!... Peior fizeste tu a Christo.»

Era um archaismo de mil e duzentos annos pago em agoutes por mestre Zacharias.

— «Façam-lhe tragar um porco vivo!» disse uma voz aflautada de monge ou clérigo moço.

— «Refresquem-n'ó alli no rio» exclamou um besteiro torto.

Esta idéa obteve a unanimidade. Mil vozes estouraram a um tempo, gritando:

— «Ao rio! ao rio! Mata!»

Nem o diabo-coxo, nem o armeiro, nem os vulcanos da forja no meio da açougaria se entendiam ou eram escutados. A revolta já deixava atraz os cabeças. As turbas a cada instante remoinhavam mais impetuosas. Em mó cerrada os populares começaram a encurtar o espaço que os separava da picota. Um furacão de milhares de vozes saía do meio d'elles. Entalado e sacudido, mestre Pero, tão possante e corpulento, volteava no meio do tropel, como a pluma d'um cavalleiro ao sopro do vento. Já se ia sentindo desfallecer no apertão encontrado das ondas do povo.

N'este momento o armeiro, a custo abrigado no ultimo degrau do pelourinho, e perdida já de toda a esperança de poder salvar o judeu, descobriu as ascumas dos besteiros do concelho, que desciam a ingreme ladeira trazendo no centro Sueiro Gundes, alvazil da cidade. Os amotinados tambem o aperceberam, e como tigres recuaram para melhor armar o pulo. Esperaram todos por elle em profundo silencio.

O alvazil e a escolta fizeram alto ao pé do pelourinho, mandando recado ao mordomo para que se apressasse em lhe acudir. Sueiro Gundes, de altura de um rapaz de doze annos, abaulado, pernas tortas e curtas, nariz grosso e arrebitado, suava por todos os poros o ridiculo orgulho da sua dignidade municipal. O silencio com que o recebiam parecia-lhe um tributo de respeito, e a vaidade crassa desenhou-se no sorriso boçal com que principiou a subir em passo d'enterro os degraus de uma escada que ia ter á especie de varanda, saçada fóra da porta d'uma casa mourisca. De lá, assoprando de cançado, acenou ao povo que ia fallar. Assobios, gargalhadas e mofas rebentaram então de toda a parte; porque fóra dos outros alvazis, o Sr. Sueiro Gundes era olhado como o animal mais estúpido de Coimbra, com costella de mouro ainda por cima.

— «Burguezes e homens villões!...»

— «Him! him! gritaram os rapazes, imitando o desesperado falsete do alvazil. Him! fóra o marrão!»

Marrão, ou bacorinho, era a alcunha popular do eloquente Sueiro.

— «Meus amigos...» continuava elle.

— «Adiante!» berrou um galeote.

— «Fóra o sermão!» barafustava o povo.

O alvazil arregalou os olhos piscos, lambeu os beiços, tossiu, e interiormente dava tudo para se ver muito longe d'alli e diante d'um prato de appetitosa dobrada.

— «Em nome dos alvazis...»

— «Morrão os alvazis!...» respondia a turba.

— «Soceguem. Deixem sair o honrado thesoureiro d'elrei, senão justiça e exemplo haverá... ai!»

Um repolho pequeno, despedido por mão desalmada, batendo na cara roliça do orador, poz em fugida todo o discurso, enchendo-lhe a bocca de dentes quebrados. Ao mesmo tempo a cholera popular, de que era terrivel annuncio aquella violenta interpelação, converteu-se na mais compacta e estrondosa gargalhada. As mãos que apanhavam pedras largaram-n'as para apertar as ilhargas. Por cima do pulpito de Sueiro Gundes, um diabrete de sete para nove annos, enrolado no balaandrão de D. Zuleima, acabava de depor solemnemente na cabeça do Demosthenes municipal a touca do judeu, enfeitada de duas medo-

nhas orelhas de burro. Depois d'esta gentileza, o rapaz desceu pelo muro por onde trepara no meio de applausos numerosos.

A touca pharisaica e aquellas orelhas asininas eram duas insolentes allusões, como diriamos hoje, uma ao sangue mouro, e outra á fraqueza d'entendimento dó digno alvazil. Este, atormentado da pedrada nos queixos, e fulminado pela coroação em plena praça, fez-se verde-fulo de raiva, e desceu precipitadamente ao som d'uma açougaria infernal.

Apenas recolhido ao centro dos seus besteiros, mestre Gundes, afogado em ira, em suor, e em gordura, mandou immediatamente alimpar o terreiro d'aquella villanagem. Isto, porém, era muito mais facil de dizer do que d'executar. Dos frecheiros uns encurvaram os arcos, outros sopezaram as ascumas, mas olhando sempre para todos os lados. E que elles percebiam perfeitamente que, se os amotinados empregassem a força, haviam de pagar com a cabeça o primeiro tiro disparado contra o povo.

Um dos couteiros de Lorvão, velhote fresco, incorpado e baixo, saiu de um tropel de gente, e virando-se a rir para o adail do troço, gritou:

— «Sabes que mais, vai aprender a pegar n'uma béstia. Esse arco não faz nada, homem. Mandas o virrote de presente ás ameias da torre. Mais alto; não repuxes a corda, e abaixa o tiro ao vento. . .»

— «Se não beberes melhor a tua vez de vinho do que jogas a ascuma, dizia um galeote, morres a beber agua fria, velho.»

— «Andar, besteiros!» exclamava mestre Sueiro enfurecido.

Mas os besteiros tinham excellentes razões para não andar — queriam levar as orelhas para casa. A rapaziada, pulando diante do alvazil, batia-lhe as palmas, guinchando: — «Pum! Pah! prrr! . . .»

Os mestreaes tambem faziam a segunda aos rapazes com injurias mais peizadas.

— «Fogo, tableiro! olha que ficas varado pelo cavalleiro-conego!»

— «Viva o alvazil Mafamede!» gritavam os rapazes.

— «Sua mercê já veria a cara aos mouros?»

— «Aos de casa, aos de casa!»

— «Viva o alvazil! Vai á guerra a cavallo no cão do mordomo!»

Era um escarneo desaforado, capaz d'endoudecer um homem de juizo. Sueiro Gundes não endoudecia porque não tinha juizo, mas tremia de cholera e de medo no centro da sua cohorte pretoriana.

— «O judeu ao rio!» bradou uma voz.

— «O judeu e o alvazil; são parto da mesma vacca!» respondeu outra.

— «Mata, mata!»

E a gentalha deu um repellão, que fez recuar os besteiros e cair sobre os joelhos o pobre Sueiro Gundes.

Pero Britador viu bem que a lucta não podia ser longa se chegasse a travar-se, avaliando as funestas consequencias da victoria dos populares. Por isso do alto do pelourinho, aonde se conservava, em grande voz exclamou:

— «A mim, homens da forja da Portagem! Galeotes de S. Cucufate!»

— «A mim, arraia miuda de D. Velaga!» accudiu com elle o diabo-coxo.

O seisma já ardia no campo dos gregos. No meio dos massigos de povo rasgaram-se de repente duas fitas largas e tortuosas. Eram alguns galeotes, moços de monte, e ferreiros que rompiam á força viva.

— «A elles! ao rio!» vozeava a gentalha.

— «O primeiro que der um passo não se queixe!» gritou o armeiro estendendo o braço

As companhas de Pero Britador unidas aos besteiros esperaram firmes o impeto do povo. Um instante o conteve aquelle valor frio, e a distancia entre uns e outros não se alargou. No meio d'esta especie de tregua uma pedra soou, e falcando na columna, lascou-a, ferindo lume quasi diante dos olhos do armeiro.

— «O teu arco! gritou elle a um frecheiro. Por alma de meu pai, não torna aquelle a atirar outra.»

E, entezando o arco, elevou-o e soltou o tiro. Um gemido agudo quasi que se misturou com o silvar da setta ao partir da béstia. Rolou no chão um corpo, duas mãos convulsas arranharam a terra, e murmúrios abafados sussurraram por entre a multidão.

— «Voltem cá outra vez!» bradou o armeiro encostando-se ao arco desarmado.

Este sangue frio susteve a plebe minutos; mas passando o assombro, a reacção rebentou mais feroz do que nunca.

— «Morram os traidores!» Repetiram mil vezes estalando a um tempo, em quanto todos de tropel se arremessavam contra a picota e os seus defensores.

— «Animo!» gritou Pero Britador.

— «Firmes!» repetiu o diabo-coxo, e um combate cego, furioso e tremendo se começou entre o povo e elles. Era ferir corpo a corpo, braço a braço. No meio do avançar e recuar d'aquellas ondas de gente, avultava o armeiro descarregando a duas mãos a acha d'armas, e abrindo largos claros por onde passava.

Qual seria o exito? Era muito desigual o partido. Pero Britador e os seus bem n'ó sentiam, mas tinham fé no auxilio que esperavam, e já pelejavam como desesperados para salvar a propria vida.

N'esta agonia o falsete de Sueiro Gundes, que ao lado do judeu, apenas se principiara a briga, representava o papel de espectador, retiniu acima do alarido das pragas e do reboliço do conflicto.

— «O soccorro! Ah! vem o soccorro!»

E era verdade. Já se ouvia da banda da Alcaçova a tropeada de muitos cavallos. Todos olharam. O sol batia de chapa nos capellos brunidos, e scintillava nas pontas das lanças dos homens d'armas.

— «Fujam, fujam!» exclamaram de toda a parte; e em um momento o terreiro e as ruas contiguas ficaram limpas de povo.

Instantes depois esvoaçava na praça o pendão de Gomes Lourenço, collaço d'elrei D. Affonso, e da sella do fogoso cavallo o moço cavalleiro ouvia a historia do motim contada pelo armeiro, commentada por Sueiro Gundes, e glocada em suspiros e ais pelo moído D. Zuleima. O manecbo fechou os debates por uma sentença propria da cabelleira de Salomão:

— «Mestre Zacharias, deixai-vos estar uns tempos á sombra na torre das arcas. Em tornando elrei havemos d'ensinar cortezia a esta villanagem. . . por Deus! foi atrevimento! . . . E tu, meu armeiro de não sei que diga, não te ia saúdo cara tambem a folia? Torna a tocar aos ursos, verás como dançam! . . . Mette-te a temperar montantes e azevans, e deixa-te de fazer justiça por tuas mãos, homem!»

— «Tudo se faz, Sr. D. Gomes, mas com gente que se entenda. . .»

— «Adeus! Não me caias n'outra! Guarda-te para a primeira arrancada.»

E, dizendo isto, deu d'esporas ao ginete, que largou a todo o gallope direito á ponte.

— «Ouvi cá, D. Estevinho, acudiu o armeiro segurando um pagem, que abelha mordeu em D. Gomes Lourenço, que vai que nem um corisco?»

— «Perguntai-lh'o a elle» respondeu alto o moço; e, inclinando-se do cavallo, murmurou ao ouvi-

do do armeiro umas palavras, que não foram tão baixas que as não ouvisse o judeu.

— « Nossa Senhora o ajude! »

— « Deus de Isaac! E D. Egas, o irmão, aonde pára! »

— « Em Montemór, com elrei... adeus. »

E o pagem desapareceu pelo caminho que levára o cavalleiro.

— « É uma loucura! » dizia o armeiro sem levantar a cabeça.

— « Sem a boa espada do irmão! » rosnava o judeu com ar contristado, olhando para Pero Britador com quem a adversidade o reconciliára.

— « A gente de Riba-Douro é vingativa e cruel... »

— « Como nenhuma » respondeu mestre Zacharias.

— « Mas Deus proverá. Vinde comigo, D. Zulcama. Temos pazes até o S. João... »

— « Por toda a vida, por toda a vida » acudiu o judeu, que soubera avaliar aquella amisade.

— « Pois, toda a vida seja!... mas não de me

dar outra vez o meu foro de cavalleiro villão — por arte vossa o perdi, e por arte vossa... »

— « O haveis de ter — juro pelas tábuas da Lei. — Mas aquelle nazareno vai metter-se n'uma... »

— « Peior do que a briga de que nos tirou! Pareceis amigo de D. Gomes Lourenço!... »

— « Oh, muito!... Deve-me cem maravedis » replicou Zacharias com ingenuidade.

— « E devedor morto, credor perdido. Entendo. Veremos, veremos! O melhor sempre é ir eu a Montemór dizer tudo... »

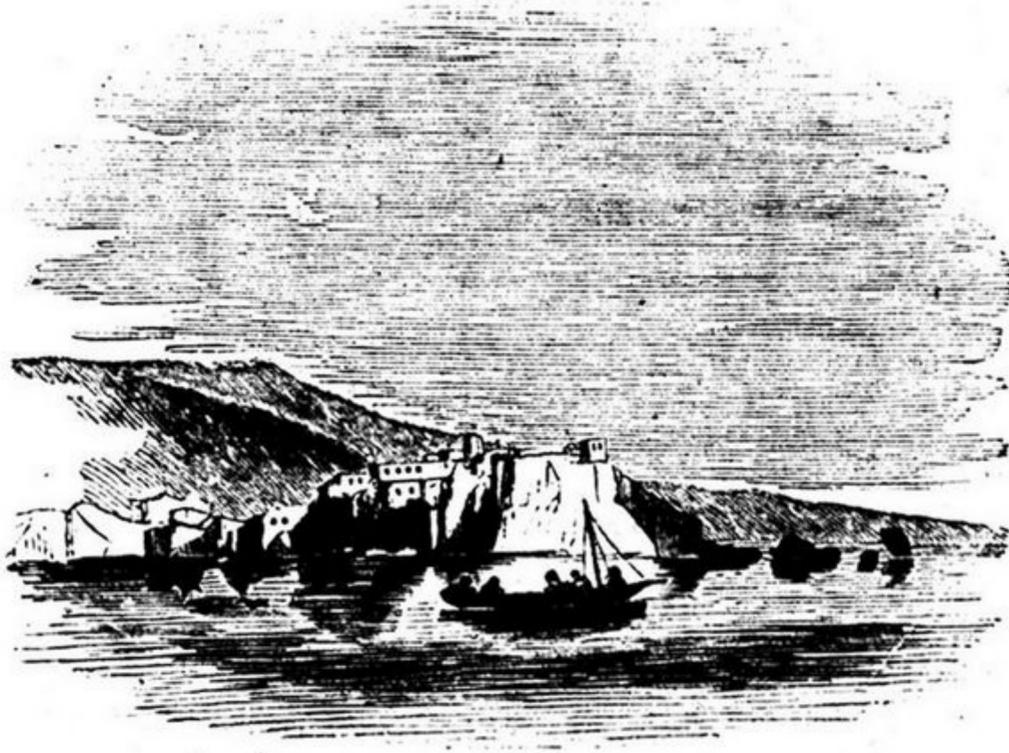
— « A Egas Lourenço!... »

— « Justamente. »

E os dois, em perfeita harmonia, encaminharam-se para o sitio da forja do honrado Pero Britador.

Meia hora depois, se tanto, uma cavalgada de pessoas, entre as quaes ia uma formosa dama ricamente vestida, partiu, vindo do lado de S. Cruz.

Era D. Maria Paes Ribeiro, que se recolhia com seu irmão D. Martim ás terras legadas por D. Sancho, e confirmadas por Affonso II.



MONACO.

Esta cidade é cabeça do limitadissimo principado do mesmo titulo, sito entre o Mediterraneo e a provincia de Nice nos estados sardos. — No seculo decimo, o imperador da Alemanha, Othão I, deu a investidura d'este principado a um nobre da casa Grimaldi. Achando-se extincta, em 1631, a descendencia varonil d'esta familia, a filha do ultimo principe levou, por casamento, para a casa franceza dos Matignoís o principado de Monaco e o nome dos Grimaldi. Em 1641, tendo recebido Honorato Grimaldi guarnição franceza em Monaco, e collocando-se debaixo do protectorado da França, Luiz XIII lhe dera para elle e sua progenie o ducado de Valentinois. Aos 14 de fevereiro de 1793, a França ajunctou aquelle pequenino dominio ao territorio francez, e Monaco passou a fazer parte do departamento dos Alpes Maritimos até os tractados de 1811, que o restituiram a seus principes sob a protecção da Sardenha.

A capital, Monaco, povoada por mil e duzentos habitantes pouco mais ou menos, está construida na extremidade de uma península nas duas vertentes de um outeiro. No meio da cidade acha-se uma grande praça quadrada, o castello occupa um dos lados, e dos outros ficam os tribunacs e as prisões: tres ruas se

estendem parallelamente para o pontal do cabo, a igreja está no fim, e por detraz da igreja um terraço sobranceiro ao mar. Sobre-se á cidade por uma rampa calçada; seis portas vedam a entrada, abrindo-se e fechando-se a horas prefixas, por ordem do commandante da praça.

Todo o territorio de Monaco, abrigado dos ventos do norte pela corda dos Alpes, e patente ao meio dia, desfruta uma temperatura mui favoravel a todas as produções dos climas quentes; n'elle se colhem com abundancia azeitonas, laranjas, limões &c. As diversas escarpas das montanhas estão profusamente salpicadas de vergeis de fructa d'espino, e de cactos, que ministram á paizagem um aspecto assaz picturesque. Ao cahir da noite myriadas de vagalumes reluzem sobre as ramadas, e fazem scintillar todas as eminencias como espelhos.

Monaco presume soamente remontar a sua fundação a Hercules, quando este nume veio á Iberia combater Geryão. Hercules para divertir-se cavou o porto de Monaco. É certo que houve alli outr'ora um templo dedicado a Hercules, onde o reverenciavam sob o nome de *Monacus*, e fóra talvez a unica divindade d'este paiz.

Antes da revolução de 1789 o soberano de Monaco tinha sua côrte permanente: passava na sua capital metade do anno; davam-se alli muitos bailes e funcções; e durante o verão toda a côrte se transferia a Carnoletto, o St. Cloud do principado, pequena mas bonita casa campestre, edificada no cimo da serra no meio d'um vasto pomar d'espinho. O principe fazia da sua bolsa as despezas todas, pagava todo o custeio entrando os dos seus empregados; e cumprido tudo, ainda podia pôr de reserva (diz um historiador do paiz), annos maus por annos bons, uns trinta mil francos. O principe hoje reinante despediu aquella pequena côrte, permanece o mais do tempo em Paris, e governa os seus estados por procuração. — Organ-lhe os rendimentos liquidos em trezentos mil francos.

OS TRES ENTERROS DE UM CONQUISTADOR.

GUILHERME o bastardo, conquistador da Inglaterra, adquiriu nos ultimos annos da sua vida uma tal gordura, que Philippe I, de França, principe inclinado á jovialidade, disse um dia por gracejo: — «Quando parirá Guilherme?» — O que sabendo este respondeu: — «Brevemente; e acabado o regimento, depois da apresentação na igreja, eu irei offerecer a Philippe em vez de cirios tantas lanças que o farei arrepender da sua chocarrice.» — Com effeito não tardou em abrir a campanha com exercito numeroso, assolou o territorio de Vexin, tomou Mantes e a reduziu a cinzas; mas tambem aqui pararam as suas proezas e a sua gloria. Em certo passo, indo a saltar um fosso a cavallo, deu com o peito tão violentamente de encontro ao arçõ da sella que ficou mui gravemente offendido. Mandou primeiro que o transportassem a Ruão, cabeça do seu ducado de Normandia, e depois para Hermentruville, terra doada por seu avô Ricardo á abbadia de Fécamp. Por mais de um mez soffreu excessivos padecimentos, e a final succumbiu a 9 de setembro de 1087.

Apenas Guilherme exhalou o ultimo suspiro, todos os que o rodeavam, prelados, barões, e officiaes da côrte, foram accommettidos de uma vertigem tão inaudita, que o historiador Orderico Vital a qualifica como loucura; correu cada um a fechar-se em seu castello e a preparar-se á defeza, como se a Normandia estivesse ameaçada de uma invasão ou de qualquer outra calamidade inevitavel: até dentro de Ruão entrou instantaneamente o terror, e tamanho e tão geral que a maior parte dos habitantes fugiram para mui longe, e os que ficaram foi por não saberem onde achariam mais segurança; todos, pelo menos, esconderam quanto de mais precioso tinham, suppondo-se ameaçados das mais tremendas infelicidades.

Depois da total dispersão da côrte de Guilherme, os individuos das classes baixas, que tambem tinham fugido, voltaram; e achando-se á solta sem sujeição praticaram desordens de toda a casta. O castello de Hermentruville converteu-se n'um momento em theatro de absoluta devastação: o saque da baixella, dos moveis e roupas foi tão atrevido e completo que até o corpo do fallecido monarcha foi achado semi-nu e despojado do lençol em que fôra envolvido.

No meio d'esta vertigem, de que a historia não apresenta outro exemplo; quando todos não enidavam senão em premunir-se contra uma infelicidade imaginaria, ninguem podia tractar (nem isso lhe importava) de uma obrigação restricta, o funeral do rei, esteve, por tanto, o corpo sem sepultura durante alguns dias, até que enfim um gentilhomen, por nome Herluino de Conteville, movido a praticar este acto, como se exprime um historiador contemporaneo,

por sua natural bondade se encarregou d'elle corajosamente por amor de Deus e por honra da nação; porque não estava ligado com o rei por vinculo de parentesco. Proceheu, pois, ao funeral á sua custa, ajunctando no castello de Hermentruville os ecclesiasticos dispersos pelo terror panico geral. Mandou transportar o corpo a Ruão para o priorado de S. Gervasio; e o arcebispo d'esta cidade presidiu aos officios religiosos: tendo, porém, ordenado este prelado que o corpo fosse trasladado para Caen afim de se lhe dar jazigo na abbadia de S. Estevam, fundada pelo defuncto, nenhum official da côrte se apresentou para cumprir esta disposição; e foi mister que o generoso Herluino carregasse com mais esta despeza, que era consideravel. — O prestito funebre foi por terra até o sitio onde se edificou posteriormente a cidade do Havre; e tendo embarcado alli, dirigiu-se para a foz do Orne. A noticia d'esta trasladação, a flôr da fidalguia normanda e todos os prelados da provincia acudiram a Caen para tributarem ao rei de Inglaterra as derradeiras honras, e repararem quanto n'elles cabia a desairosa impressão que deixara nos animos a scena extraordinaria, passada em Hermentruville. Chegado o dia aprazado para o desembarque, o abade de S. Estevam, acompanhado de todos os seus religiosos, e dos prelados e barões, foi processionalmente encontrar-se com o funebre cortejo, que os esperava no arrabalde de Vauxelles á borda do rio. Postos a caminho com segurança e com a gravidade propria do acto, estavam quasi a chegar a S. Estevam, eis que um subito e violento incendio, de que nunca se descobriu a causa, manifesta-se simultaneo em muitos bairros da cidade, e os consome em tempo breve. Lembra então que semelhante desastre succedêra em Westminster durante a cerimonia da coroação do mesmo rei Guilherme, e que grande numero de habitantes foram victimas das chammas, e outros muitos foram esmagados pelas ruinas das casas; e esta recordação origina instantaneamente outro disturbio como o de Hermentruville; ao menos para esta segunda scena houve motivo apparente e de algum modo natural. Todos correm sem saber por onde vão; param uns na veiga de Louvigny, outros nas terras lavradas; todos procuram salvagão na fuga; e em pouco tempo a deserção é completa. Só os religiosos se congregam, só elles chegam á igreja, e só elles são testemunhas do enterramento, como antes os padres de Westminster foram testemunhas da coroação do monarcha. No entanto, um dos resultados da confusão foi impedir que o ultimo acto da cerimonia funebre se praticasse n'aquelle dia. Os religiosos limitaram-se a depositar o esquife no primeiro degrau do carneiro, que estava ao meio do côro, afim de deixarem para os prelados a honra de lhe fazerem as exequias, conforme a igreja prescreve, constando do officio solemne e do encerramento formal no caixão.

N'esse dia não foi menos numerosa a concurrencia do que na vespera: havia-se apagado o incendio, tinham voltado os fugitivos, e se restabelecêra a segurança. Podia suppor-se que estavam acabados os incidentes: errado calculo! Sem querer, Gisleberto, bispo d'Evreux, suscitou um de novo e mui singular. Este prelado, que o historiador Vital appellida *magno*, principiou a oração funebre, primeiro exemplo em França d'estes discursos de pompa, sendo o segundo 300 annos depois (1389) nas exequias de Duguesclin. Gisleberto, na sua oração, exaltou as magnanimas qualidades do rei Guilherme, o seu valor na guerra, a sua justiça na paz, e a sua piedade em todas as occasiões; porém concluiu por uma interpellação singular na bocca de um ministro da re-

ligião, fallando da cadeira da verdade: — « Appresente-se (disse) qualquer que se persuada poder accusar-me d' exaggeração ou falsidade. » —

A principio algumas vozes attestaram que o bispo fallára certo e com verdade; em seguida ouviu-se um sussurro geral de assentimento, e por fim toda a assembléa ficou em profundo silencio. Ia consummar-se o enterramento, quando um burguez de Caen, Ascelino, filho de Arthur, rompendo pela multidão, sustou a cerimonia com uma allocução, tão vehemente quanto inexperada, contra um acto arbitrario do rei.

— « Aqui da justiça! (clamou com voz retumbante) Aqui da justiça! Declaro perante Deus que a terra, onde querem depositar esse corpo, me pertence legitimamente. Era um campo que o rei Guilherme, sendo ainda duque de Normandia, usurpou a meu pai por abuso de poder: não lhe pagou o valor quando edificou esta abbadia. Reclamo este campo por embargo da justiça, e vos inhiho de enterrar o corpo do raptor na minha herança. » —

Imagine-se o assombro de quantos testemunharam este energico e ousado protesto. Pouco faltou que não houvesse nova deserção, mas ao menos a cerimonia ecclesiastica foi outra vez impedida; e o longo silencio da anciedade seguiu-se á primeira explosão do espanto. Nenhum dos filhos do rei estava presente; nem sequer o principe Roberto, que lhe devia succeder no ducado de Normandia, podéra chegar a tempo d' Inglaterra, onde andava occupado em enredos para tirar a corôa a seu irmão Guilherme o ruivo. Ninguém o representava nas exequias, por consequencia, segundo o estylo, ninguem podia em seu lugar prometter o preço do chão usurpado. Esperavam todos inquietos que saída teria aegão por tal modo inaudita. No entanto Ascelino não se arredava da entrada do carneiro, mui resolvido a não o deixar encerrar sem ter obtido reparação. Por fim, os bispos e barões, tendo conferenciado, lhe offereceram em nome d'elles sessenta soldos pelo direito da cova, fazendo-lhe promessas de que seriam depois attendidos os direitos oriundos da propriedade do terreno. Rendeu-se a esta proposta o ousado burguez e consentiu que se fechasse o jazigo; porém como tudo tinha de ser extraordinario no enterro, não bastou isto para que se concluísse. Descem o defuncto, e os que o baixavam trabalhosamente chegam aos degraus ultimos, porque o corpo do rei, não obstante haver diminuido na molestia, ainda conservava pezo e volume consideraveis: escorrega um dos homens, escapa-lhe das mãos o caixão, que estoura, bem como o cadaver, no fundo do jazigo. Um raio que passasse pelas grossas abobadas do templo, no momento da oração dos fieis, não os faria fugir mais amedrontados. Qual seria a causa de tão desusado effeito? . . . O simples estrondo não a explica. É verdade que não: porém, d'aquelles caixão roto exhalou-se um fetido tão horrivel que, apesar de Orderico Vital, o chronista, referir que o corpo de Guilherme fôra preparado pelos embalsamadores, *pollinctores*, a todos os que alli se acharam pareceu que aspiravam a morte. Debalde o incenso subia ao ar em columnas, e os perfumes corriam em enchentes, era forçoso fugir ou morrer suffocado; pelo que, nem a deserção de Hermentruville, nem o abandono motivado pelo incendio da vespera, podiam comparar-se á evasão que occasionou este acontecimento extraordinario. Tercera vez, depois da sua morte, Guilherme foi abandonado pelos grandes e pelo povo. Até o clero, demorado por mais tempo em razão do seu dever e character, a final se viu constringido a seguir a geral corrente: abbreviou as orações que ainda faltavam a

rezar, e desapareceu da igreja por todas as saídas e em completa desordem.

Quando o tempo fez perder ao máu cheiro sufficientemente a intensidade, voltaram; assentou-se sobre o jazigo a campa, e tudo ficou consummado. — « D'este modo (dizem os historiadores do conquistador da Inglaterra) um monarcha poderoso e temido foi deixado nu sobre o pavimento da camara onde acabára de expirar, e foi despojado da mortalha do lençol por aquelles mesmos a quem dera sustento. Um dos reis mais opulentos da Europa deveu a sepultura á charidade de um subdito seu. Ao senhor de um grande imperio faltou chão para receber seu feretro, ou pelo menos lh'o disputaram. Finalmente, um corpo que em vida fôra objecto de desvelos, conduzido á igreja por um cortejo atemorizado atravez das chammas de um incendio, só toma logar na sua derradeira morada depois de ter sido de algum modo deshonorado pelo acaso mais inaudito e opprobrioso. Lições memorandas para aquelles que prezam as vantagens materiaes e precarias d'este mundo em mais do que realmente valem, e que não procuram alcançar, refreando os appetites sensuaes e as paixões desregradas, bens mil vezes superiores ás delicias do corpo, que já em vida é corrupto, e que depois da morte só deixa poeira vil e insensivel. » —

Mostrando o corpo de Guilherme por tres vezes abandonado antes do seu definitivo enterro, tragámos a historia de tres grandes humiliações; resta esboçar em poucas palavras a dos tres grandes vilipendios que soffreu depois da morte. — Ricardo, seu filho, lhe tinha levantado na abbadia de S. Estevam um monumento funebre, que consistia n'um sarcophago de schisto preto, collocado sobre quatro pilastras de marmore branco, e rematado pela estatua do duque, deitada como era de uso nos tumulos d'essa epocha; era todo o mausoleu adornado de obras de lavor d'ourives as mais preciosas. Este monumento foi tres vezes profanado; e da primeira (notavel cousa!) por ministros da religião.

Conta-se que um cardeal, um arcebispo, e outros muitos ecclesiasticos de alta jerarchia, visitando a cidade de Caen, em 1522, tiveram a desassisada velleidade de examinar o interior do sarcophago, e obtiveram permissão para isso; que acharam o corpo do monarcha, que mostrava força e grandeza extraordinarias, e estava perfeitamente conservado! — Se a circumstancia da completa conservação é verdadeira, confirma o que escreveu Orderico Vital a respeito de ter sido embalsamado, mas não concordo com a putrefacção que presuppõe a ultima scena do enterro. Fosse como fosse, achou-se no tumulo uma lamina de cobre com uma inscripção em verso francez, que pelo estylo se póde reputar posterior ao monumento; n'ella, depois de comparado Guilherme a Carlos Magno, faz-se emphaticamente o elogio da conquista d' Inglaterra; e concluindo diz: — A morte me desfez; que sou eu agora? Nada mais do que cinza vil, &c. »

Depois d'esta primeira quebra da paz do sepulchro, desculpavel até certo ponto, porque só teve por motivo um simples incentivo de curiosidade, sobrevio outra muito mais criminosa. Em 1562, os huguenotes, que andavam destruindo por toda a Franca os monumentos mais sagrados da religião e os mais caros á gloria nacional, devastaram com especialidade quanto havia de precioso na igreja e mosteiro de S. Estevam; e o fizeram com tamanho furor que não ficaram vestígios, senão dos muros, diz um auto lavrado um mez depois da profanação. O tumulo de Guilherme foi feito pedacos, o seu feretro aberto novamente, e a sua ossada dispersa. Debras, auc-

tor contemporaneo, que foi testemunha d'estes horrores, só os relatou em parte — « porque (diz) se eu pretendesse enumerar e descrever pelo miúdo todas as cousas de estimação que foram demolidas, despedaçadas ou queimadas nos dictos templos, não bastaria um mez bem puxado. » — Debras viu um osso da coxa da perna de Guilherme, que era mais comprido quatro dedos de travez do que outro de qualquer homem da mais alta estatura. É indubitavel que aquelle osso fazia parte dos que se poderam colligir depois d'aquelle successo, e que foram guardados n'um monumento singelo, erecto de novo, e que subsistiu até o nosso tempo.

Veio a tormenta politica de 1793; terceira vez foi violada a jazida do illustre duque de Normandia; mas foi esta a derradeira, porque fizeram tão absoluto destroço que tudo acabou para sempre, marmore, caixão e ossos. — Aqui termina a historia do corpo de Guilherme o conquistador. Pergunta-se, — haveria algum que fosse mais agitado durante a vida e ainda depois da morte? Haveria algum que desaparecesse pelo concurso de circumstancias tão culposas? . . . Nenhum — cremos que responderá a historia.

FAUSTO DA MESA DOS ROMANOS.

Não poderemos recusar-nos á admiração, se reflectirmos na quantidade e qualidade de generos estrangeiros que os romanos mandavam buscar com enormes despesas; e nos cuidados mui especiaes com que procuravam aclimatar vegetaes exóticos, e com que tractavam de engordar mimosamente os animaes destinados para as mesas. Tinham tapadas onde sustentavam javalis, cabritos montezez, veados, tres castas de lebres, &c.; e estes animaes eram nutridos com alimentos proprios da sua natureza e reflectidamente escolhidos; d'este feitio, os lirões, especie de ratos, que eram então estimada galosina, e cuja carne parece que no gosto se assemelhava á do porco da India, eram criados á bolotas e castanhas em cercados á parte; até os caracoes tinham seu recinto guardado de vasos para se recolherem, aonde os engordavam com farinha cosida e amassada com vinho, de modo que, segundo Plinio, chegavam a extraordinario volume: estes molluscos eram tão procurados que os mandavam vir da Africa e da Illyria. O gosto por esta iguaria não parecerá extravagante a quem souber que um famoso capitão francez dos nossos dias não deixa de engolir ao almoço uma duzia de caracoes, que lhe são appresentados n'um parallelogrammo de prata, cheio de buracos em cada um dos quaes vem uma concha com seu caracol cosido e temperado com mólho appetitoso de hervas aromaticas. Parece que era d'este modo que os romanos os preparavam; porque as receitas dadas por Apicio (*de obsoniis et condimentis lib. 7, cap. 16, pag. 212 da edição de Amsterdam, de 1709*) são as seguintes: — « Fazei que os caracoes larguem a baba primeiro em leite salgado, depois em leite puro; frigi-os em azeite; e servi-os quentes com molho de *assa-fetida*! pimenta, substancia de carnes e azeite; ou de outro modo, grelhai-os, bórri-fando-os sempre com um molho de substancia, pimenta e cominhos. » — Cremos que a *assa-fetida* não é a *gomma* que hoje conhecemos por este nome.

Hortensio não deveu a celebridade unicamente ao seu talento oratorio; coube-lhe o merccimento de ser o primeiro que regalou os seus convidados com um pavão assado, servido com todas as pennas, no banquete que deu para celebrar dignamente a sua admissão no collegio dos augures; este novo assado foi

então havido por grandissimo luxo: mas em breve se fez d'elle uso tão geral que seria ridiculo dar um jantar sem pavão assado; era como hoje sem um perú bem corado. Por este modo o tracto de engordar pavões tornou-se muito lucrativo: cita-se um certo Ophilio que por este mister adquiriu um rendimento maior que os salarios modernos de tres empregados da maior cathegoria no Estado.

Sobre tudo, os peixes eram em Roma objecto de mui notavel predilecção. Ajunctavam-n'os em viveiros em quantidade extraordinaria, e nada se poupava para lhes alcançar agua salgada; Lucullo mandou cortar um monte a fim de trazer agua do mar á sua tapada: alguns romanos chegaram a encana-la dos esteiros para a casa do jantar, onde abertos os registos os convidados colhiam ás mãos os peixes vivos, por não duvidarem de que estivessem frescos. Cesar mettia-se-lhe ás vezes em cabeça dar de jantar aos cidadãos romanos, que se envergonhariam de receber tão mesquinha pintaança como eram os comestiveis que se distribuiam á plebe de Paris em certas festas publicas; era mister haver peixes raros; e n'uma occasião Cesar viu-se obrigado a recorrer a emprestimos para completar o seu banquete. Foi Mirio Irrio que lhe forneceu moreias; e não lh'as quiz dar nem vender, porém exigiu que Cesar lhe dêsse palavra de restituir-lh'as em numero igual.

Seria para sentir uma immensa lacuna na arte de cosinha dos romanos se elles não tivessem conhecido as tubaras da terra, porém elles as conheceram e apreciaram: para guizar este succulento tuberculo tinham pelo menos seis modos differentes, alguns dos quaes se parecem com as receitas de cosinha-las á franceza.

A invasão dos barbaros, as trevas da idade media, e principalmente o costume que tinham os frades de raspar os manuscriptos antigos para escreverem as suas lendas, causaram a perda de muitas obras preciosas da antiguidade. Porém, Deus louvado, a fradaria respeitou o tractado de Apicio sobre a boa mesa, no qual explica, com um desvelo digno de elogios, a arte de fazer as conservas, as maneiras de preparar os diversos guizados, e os condimentos proprios para cada um d'elles. Tres individuos se conhecem do nome de Apicio, todos tres famosos pela propensão á gula, que parece hereditaria n'aquella feliz familia: um viveu em tempo de Sylla, outro nos reinados de Augusto e Tiberio, e o terceiro imperando Trajano; o segundo foi o que compoz a obra que citamos, e para se vêr que escreveu no seu ramo, e caracteriza-lo, assim como o fausto da mesa do seu tempo, basta a seguinte anecdotia. — Ouvira elle dizer que em certo porto do Adriatico se comiam camarões mais cheios e saborosos do que os que vinham aos mercados de Roma. Era tão apaixonado de bons boccados, que não socego em quanto não fretou de proposito um navio para ir pessoalmente verificar aquelle facto importante. Quando a embarcação chegou á vista do porto, pescadores informados pela fama do nome do celebrado viajante deram-se pressa em ir a bordo offerecer-lhe os maiores camarões que tinham podido colher: porém, Apicio, depois de attento exame, não os achou preferiveis aos que comia em Roma; e vendo-se enganado na sua expectativa, fez virar de bordo sem dignar-se sequer pôr pé em terra.

DA PIMPINELLA COMO PASTO.

NADA devemos desprezar para augmentarmos os recursos das pastagens, que são sempre o lado fraco das explorações ruraes. Se os cultivadores dessem toda a

importância devida ao emprego d'estes recursos, poderiam aproveitar as porções, aparentemente mais estereis, do terreno confiado aos seus cuidados; por quanto nenhuma terra ha tão má onde não possa crescer uma planta para pastagens, podendo concorrer pela produção dos estrumes para a prosperidade de toda a exploração. A pimpinella, desde muito tempo conhecida, contenta-se com terrenos os mais aridos, principalmente quando elles são mais leves do-que compactos: as experiencias seguintes, publicadas por um cultivador allemão, são a todos os respeitoos dignas da attenção do leitor.

«Tendo os jornaes agricolas recommendado a cultura da pimpinella dos prados (*petorium sanguisorba*) como muito propria para pastagens, alcancei a semente d'esta planta, e em 13 de abril do corrente anno semeei meia geira de terreno arenoso, e um quarto de geira de terra forte e humida. O primeiro campo teve uma cava profunda, e o segundo foi cavado com enxada.

As sementeiras seguiu-se um tempo secco; fiz passar o cylindro de rolar sobre o campo arenoso: as sementes rebentaram, mas a vegetação era fraca. Sobrevindo porém as chuvas, as plantas lançaram grandes folhas de um verde escuro, e a vegetação tornou-se tão forte e bella que causava admiração. Tendo cada semente lançado tres ou quatro ramos coroados de flôres, mandei-os segar em 2 de julho para sustento do gado: as vaccas os comeram com avidéz, e notaram que este sustento lhes augmentára o leite.

Depois do primeiro córte, a pimpinella reproduziu-se com mais força, e deu tambem um pasto mais abundante: o terceiro córte foi ainda mais rico que o segundo; mas sobrevindo as nebrinas tive de desistir de outro.

O segundo campo (terra forte) alimentou a planta muito bem, mas não obtive uma colheita tão abundante porque dera apenas um córte. Desde 13 de outubro, os dois campos semeados de pimpinella serviram de pastagem durante tres semanas a tres bois de trabalho, e os sustentaram perfeitamente.»

A VISITA DE MÁU AGOURO.

Um bando de mancebos nobres e estouvados corria, alta noite, as ruas de París. Tinham bebido bem e vinham investindo as pessoas, que ainda áquellas horas se aventuravam a andar por fóra no fim da primeira metade do seculo passado, e que, por acaso, topavam no caminho. Capitaneava o bando Thomaz Arthur, conde de Lally, fidalgo gentil, casquilho, amigo de se divertir, e bulhento como podia ser um moço escudado com a impunidade inherente a um nome respeitavel. Ao entrarem na estreita rua de S. João, de ordinario muito socegada, ouviram tocar contradanças; olharam para cima, e viram uma casa com muitas luzes n'um terceiro andar.

— «E aqui, disseram todos a uma voz; dança-se; subamos e dancemos.»

— Dicto e feito; puxam pela campainha: um homem que no rosto inculcava franqueza e sinceridade veio recebe-los á escada.

— «Somos pessoas capazes, lhe disse o conde; temos paixão pela dança; viemos por acaso ter ao vosso bairro, e não pudemos resistir á idéa de vos pedir licença para dançar em vossa casa.»

— «De muito boa vontade vo-la concedêra; mas, senhores, antes de entrar bom é saberdes em casa de quem entraes.»

— «Que temos com isso! Sois um homem bem criado; que mal estaremos em vossa casa?»

— «Repito-vos, senhores, que vos devo dizer com quem estaes fallando: eu sou o carrasco de París; casei minha filha e festejamos o casamento.»

Os mancebos hesitaram se entrariam; uma força occulta parecia puxar-lhes os pés para a porta da rua, mas d'ahi a pouco recommçaram a rir e a zombar, e alvorçados com a lembrança de poderem dizer nas salas do paço de Versailles: «Dançamos em casa do carrasco de País» foram logo tirando para pares as mulheres mais bonitas que alli estavam, e principiam a dançar.

O conde de Lally ficára só ao pé do dono da casa, que interrogava com curiosidade.

— «Não sois vós que fazeis as execuções?»

— «De ordinario não sou eu; tenho ajudantes; não sou obrigado senão a assistir a ellas. Mas toda a vez que o condemnado for algum fidalgo da primeira grandeza, por dever, e até por honra minha, hei de eu mesmo fazer a execução.»

Um riso sardonico entreabriu os labios de Lally, o qual se retirou d'ahi a pouco.

O conde era valente e audaz; tinha-se distinguido no campo de batalha de Fontenoy á vista de Luiz XV, e ousára ir a Inglaterra formar uma conjuração para restituir o throno aos Stuarts. Depois de desempenhar uma missão na Russia obteve o posto de coronel, e com pequeno intervallo o de tenente general, com o governo das possessões francezas nas Indias orientaes. Nas primeiras acções que teve com os inglezes favoreceu-o a fortuna; perdida porém a batalha de Madras, viu-se obrigado a entregar-lhes a praça de Pondicheri, onde se recolhêra e que elles arrasaram. Um sem numero de pessoas a quem a soberba e más palavras do conde haviam indisposto o accusaram então de se ter vendido aos inglezes, que para o salvar, o transportaram a Madras, e de lá para Inglaterra. Quiz tornar para França e escreveu ao duque de Choiseul: *aqui trago a minha cabeça e a minha innocencia; espero as vossas ordens.* Encerraram-n'o na Bastilha, e depois de longa detenção uma sentença de 6 de maio de 1769 o condemnou a morrer degollado, por haver trahido os interesses do rei, do estado, e da companhia, e commettido abusos de auctoridade, vexames e exacções.

Estava culpado ou innocente? Esta sentença condemna-o, outra de 1778 rehabilitou-lhe a memoria. O certo é que ao cabo de quinze annos, contados quasi dia a dia desde aquelle em que teve logar o dialogo que repetimos, o mesmo carrasco decepava a cabeça de Thomaz Arthur, conde de Lally e barão de Tollendal.

Quem fosse ha dez annos á rua de Marais, por detraz do Diorama, e batesse á porta de uma casa de bonita apparencia, seria recebido por um homem muito parecido na cara com Luiz XVI. Este homem tractaria com civilidade o visitador e responderia ás suas perguntas sem a menor repugnancia. Sem se fazer muito rogado lhe mostraria o seu museu, composto d'uma pequena guilhotina de mahogono, e d'um largo cutello. A guilhotina foi o primeiro modelo que se fez d'este instrumento; o cutello o mesmo com que eram degollados os fidalgos que n'outro tempo tinham o privilegio de não morrer enforcados. Depois de lhe mostrar uma grande bocca na parte inferior do cutello, dir-lhe-hia: «No tempo de meu pai gosavam os fidalgos da córte da prerogativa de estarem sobre a plata-forma do cadafalso em quanto se faziam as execuções. Quando cortaram a cabeça a Mr. de Lally, um fidalgo moço empurrou o braço de meu pai, desviou o golpe, e a folha d'este cutello abriu uma bocca batendo n'um dente do justicado.»